

# Expedição a São Paulo, Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais\*

JOSÉ VERÍSSIMO DA COSTA PEREIRA  
Geógrafo do C.N.G., Chefe da Expedição  
e da Secção Regional Centro-Oeste.

## 1.ª PARTE

- I – TEMPO NECESSÁRIO À PREPARAÇÃO DOS ELEMENTOS DO RELATÓRIO.
- II – ESQUEMA DO RELATÓRIO GERAL.

- A – ATLAS.
- B – ILUSTRAÇÕES NO CORPO DO RELATÓRIO.
- C – FILMES CINEMATOGRAFICOS SONOROS E COLORIDOS.
- D – ANEXOS.
- E – OBJETIVO FINAL.

### III – HISTÓRICO DA EXPEDIÇÃO.

- A – ORIGENS.
- B – OBJETIVO COMPLEXO.
- C – COMPOSIÇÃO.
- D – ITINERÁRIO PREVISTO.
- E – EQUIPAMENTO E PARTIDA.
- F – ITINERÁRIO COBERTO E PRINCIPAIS OCORRÊNCIAS.

- 1 – Do Rio a Bauru.
- 2 – Trecho paulista da E. F. Noroeste.
- 3 – Trecho matogrossense da “Noroeste” entre Três Lagoas e Campo Grande.
- 4 – Trecho sul de Campo Grande.
- 5 – Trecho da “Noroeste” matogrossense entre Campo Grande e Corumbá.
- 6 – Trecho entre Campo Grande e Cuiabá.
- 7 – Trecho de Cuiabá e arredores.
- 8 – Trecho entre Cuiabá e Poxorêu.
- 9 – Trecho entre Poxorêu e Alto Araguaia.
- 10 – Em território goiano.

- a) *trecho alto Araguaia-Jataí.*
- b) *trecho Jataí-Goiânia.*
- c) *trecho Goiânia-Ceres-Goiânia-Itumbiara.*

### II – Em território mineiro.

### IV – REGRESSO, DURAÇÃO, MEIOS DE TRANSPORTE, EXTENSÃO PERCORRIDA.

As notas que se vão ler representam um resumo do primeiro tomo – INTRODUÇÃO – do Relatório Geral dos trabalhos de campo e de gabinete realizados pela expedição organizada e enviada pelo C.N.G., em 1948, ao interior do país, principalmente ao noroeste de São Paulo, sul, centro e leste de Mato Grosso, bem assim ao sudoeste de Goiás.

A êsse primeiro tomo seguem-se outros, constituindo o conjunto uma composição de estudos de campo e de gabinete, alguns dêles tendo o caráter de monografias geográficas específicas.

O objetivo colimado é o de apresentar, além da exposição e interpretação dos resultados científicos obtidos e da metodologia empregada, informações completas e documentadas sobre os trabalhos que foi possível realizar e, outrossim, sobre o que não se pôde fazer.

\* A segunda parte do presente trabalho será publicada em um dos próximos números desta Revista.

## I – TEMPO NECESSÁRIO À PREPARAÇÃO DOS ELEMENTOS DO RELATÓRIO

É fora de dúvida que, ao organizar suas expedições ao interior do país, o Conselho Nacional de Geografia, por intermédio do seu órgão executor, deseja, em tempo hábil, ver redigidos em forma de relatório, não apenas as observações colhidas durante os trabalhos de campo, mas também os resultados das correspondentes pesquisas de gabinete.

O tempo hábil, entretanto, necessário à apresentação de um relatório, que não se reduza, pelo menos quantitativamente, a uma simples reportagem geográfica ou a um mero artigo de revista, tem de ser variável e isso devido a diversos motivos.

A experiência já nos tem demonstrado que a apresentação de um relatório científico, com efeito, depende da duração das pesquisas no campo, do objetivo em vista, da natureza dos trabalhos realizados, das particularidades geográficas de cada zona ou região focalizada; depende, outrossim, da extensão e do estudo do território percorrido quanto aos conhecimentos científicos e quanto às facilidades de comunicação e de transporte oferecidas aos pesquisadores.

Diretamente ainda se subordina à possibilidade numérica do pessoal técnico incumbido de executar, mais tarde, no gabinete, os inumeráveis e pacientes trabalhos complementares de interpretação.

Os últimos, por outro lado, exigem dos servidores tino e habilidade, bem assim um razoável conhecimento das regras e princípios metodológicos, cuja aplicação é sempre proveitosa numa interpretação de caráter científico.

Dessa maneira, somente com pessoal adequado, numérica e qualitativamente, podem as coisas ficar evidenciadas, analisadas, naturalmente ordenadas e enumeradas, por fim, de modo satisfatório.

Infelizmente, no caso do relatório presente, alguns contratemplos e interrupções nos trabalhos de escritório prejudicaram a elaboração normal dos seus elementos e a sua apresentação, que estava prevista para outubro de 1949.

Tais contratemplos e interrupções, independentes da vontade de seus responsáveis, foram, aliás, levados em tempo, desde dezembro de 1948, ao conhecimento das autoridades superiores.

## II – ESQUEMA DO RELATÓRIO GERAL

O “Relatório Geral” deverá compreender cinco tomos.

O “primeiro”, contém duas partes. Na primeira fazem-se “considerações preliminares” nas quais se trata do modo como se prepararam os elementos do Relatório. Expõem-se, outrossim, as normas seguidas na elaboração e redação do mesmo e se focalizam aspectos julgados de interesse sobretudo para a Administração. Apresenta-se em seguida, o “histórico da Expedição”, informando-se sobre a sua origem, objetivo, composição, itinerário, equipamento, partida, principais ocorrências, regresso, duração, meios de transporte, extensão percorrida.

Na segunda parte mostra-se a “atuação no campo e no gabinete”, explicando-se o plano e as normas de trabalho seguido pela Expedição, os conceitos admitidos. Dão-se, nesta oportunidade, alguns exemplos concretos de trabalhos levados a efeito segundo a metodologia exposta. Faz-se, após, uma exposição sucinta acerca do lugar dos trabalhos geográficos na obra da colonização do centro-oeste.

O “segundo tomo” compreende a “apreciação geográfica geral para fins de colonização”. Após uma visão panorâmica, genérica, estudam-se os diferentes “tipos de paisagens” encontradas, salientando-se os “fatos de massa”, elementos necessários à explicação geográfica mesmo fora da observação visual.

O “terceiro tomo” abrange um estudo das áreas “colonizáveis”. Deverá conter uma “introdução” em que se fará o “histórico da colonização” em Mato Grosso, Goiás e noroeste de São Paulo, mas em dose apenas necessária ao entendimento geral das duas partes geográficas seguintes. A primeira, global, e a segunda, constando de estudos parciais, um deles acerca das zonas pioneiras em 1948.

O “tomo quarto” deverá incluir um certo número de monografias e estudos específicos. Nêles também se incluirão trabalhos especiais da autoria exclusiva dos componentes da expedição, por exemplo, estudo de solos, vegetação, utilização da terra, tipos de economia, sistemas de culturas, geografia médica, tipos de povoamento, etc.

O “tomo quinto” englobará, finalmente, as “conclusões” e as “recomendações” indispensáveis à obra científica da colonização no Centro-Oeste, tudo à luz da Geografia.

#### A — ATLAS

Um “atlas”, em preparo, ilustrará de maneira ampla tôda a matéria contida no texto dos diferentes tomos do “Relatório Geral”. Além de cartas e cartogramas variados, o atlas deverá abranger, ainda, diagramas, perfis, cortes, blocos-diagramas.

As ilustrações cartográficas, indiferentemente distribuídas no atlas, estão classificadas em cinco grupos quanto à escala.

O primeiro grupo de fôlhas consta de cartogramas elucidativos na escala de 1/5 000 000, aproximadamente, seguindo-se o grupo de fôlhas na escala de 1/200 000 e referente à utilização da terra em 1948. Outras representações como a dos “sistemas agrícolas” figurarão na escala de 1/1 000 000 e, adicionalmente, também fatos importantes da paisagem natural e da paisagem cultural.

Cartas gerais, na escala de 1/200 000 encerrarão, sinteticamente, todos os fatos de maior expressão para a grande tarefa colonizadora.

Por fim, outras ilustrações cartográficas, em escalas variando de 1/100 000 a 1/10 000 figurarão no referido atlas. Correspondem a tipos de povoamento, tipos de fazendas e outros pormenores julgados de valia.

O atlas está sendo preparado de maneira a ser manuseado e entendido por interessados de todos os graus de cultura. O pensamento dominante é o de conter o atlas umas cem fôlhas coloridas.

As fôlhas do atlas são de 1,00 x 0,72, deixando-se u’a margem livre constante de 12 centímetros para efeito de encadernação.

#### B — ILUSTRAÇÕES NO CORPO DO RELATÓRIO

Das dez mil fotografias tiradas, aproximadamente, muitas em côres, várias centenas serão talvez incluídas, acompanhadas sempre de legendas explicativas e nomes dos respectivos autores.

Um certo número de “croquis” paisagísticos, a bico de pena, deverão, outrossim, aparecer no Relatório, aproveitando-se fotografias preciosas, mas de difícil reprodução em vista das condições precárias dos respectivos negativos. Procura-se dêste modo, aproveitar ao máximo, as fontes disponíveis.

A parte das ilustrações no corpo do Relatório inclui, ainda, alguns do grande número de cortes e perfis, desenhados cuidadosamente, à base de fontes fidedignas e de dados e leituras colhidos pela expedição durante os trabalhos de campo. Tais perfis estão sendo desenhados na escala de 1/50 000 a 1/1 000 000 e contêm o maior número possível de fatos expressivos.

#### C — FILMES CINEMATOGRAFICOS SONOROS E COLORIDOS

A grande novidade da expedição em matéria das ilustrações do território percorrido, consistiu, finalmente, na elaboração de sete *shorts* cinematográficos, coloridos e sonoros (musicados e falados) já prontos e atualmente prestes a serem exibidos. Tais *shorts* representam verdadeiro relatório dinâmico da expedição não só quanto a paisagens, mas também quanto a cenas da vida ordinária, tipos de gênero de vida, recursos naturais, horizontes de trabalho, etc.

O quadro geral abaixo, mostra a extensão e o tempo de projeção de cada filme.

Número de ordem	NOME DO FILME	EXTENSÃO		Tempo de projeção
		Metros	Pés	
1	Aspectos do Rio de Janeiro.....	211,20	701	20 Minutos
2	Aspectos de Volta Redonda, cidade de São Paulo e pôrto de Santos.....	226,50	755	21 Minutos
3	Aspectos de Campinas, Piracicaba, Jaú. São Paulo	221,10	737	20 Minutos
4	Aspectos de região servida pela E.F. Noroeste do Brasil.....	317,70	1 053	30 Munitos
5	Aspectos de Pôrto Esperança a Cuiabá arredores, Mato Grosso.....	182,10	607	16 Minutos
6	Aspectos do município de Poxorêu, Mato Grosso	113,40	378	11 Minutos
7	Aspectos do sul de Goiás e do Triângulo Mineiro	304,50	1 015	28 Minutos
	<b>TOTAL.....</b>	<b>1 576,50</b>	<b>5 255</b>	<b>146 Minutos ou 2hs. 26min.</b>

#### D — ANEXOS

Documentos oficiais citados, bem assim listas de altitudes, quadros estatísticos, análises petrográficas, análises de solos, etc., figuram em "Anexos" aos correspondentes tomos.

#### E — OBJETIVO FINAL

Assim procedendo, pensamos satisfazer, por um lado, às exigências do método geográfico e, por outro, julgamos atender ao interesse imediato das autoridades desejosas de terem, tanto quanto possível, o conhecimento certo, preciso, científico, da terra para que melhor possa ser utilizada, civilizada e, em consequência, superiormente administrada.

### III — HISTÓRICO DA EXPEDIÇÃO

#### A — ORIGENS

A expedição foi organizada pelo Conselho Nacional de Geografia, a pedido do Conselho de Imigração e Colonização.

Desejava este último possuir informações geográficas para fins de futura colonização, relativamente ao território do município matogrossense de Poxorêu.

Em reuniões conjuntas de autoridades de ambos os órgãos citados, o pedido inicial foi bastante ampliado.

Estabeleceu-se que, além dos trabalhos em Poxorêu, deveria ser também atendida uma solicitação do Cel. JOSÉ DE LIMA FIGUEREDO, diretor da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, cujos escritórios centrais se encontram na cidade paulista de Bauru.

No regresso de Poxorêu, reconhecimentos no sudoeste de Goiás foram solicitados pela atual Divisão de Geografia.

Todos os estudos, não obstante, teriam por principal escopo uma apreciação geral do território percorrido com a indicação das zonas de possível colonização no futuro, conforme o desejo expresso do Conselho de Imigração e Colonização.

Com a chegada de um técnico norte-americano, contratado pelo C.N.G., especializado em cinematografia, Mr. ARTHUR H. C. SIENZNICH, resolveu-se que se fizesse também um filme colorido documental, focalizando aspectos do território percorrido.

Para chefiar a expedição foi designado o chefe da Secção Regional Centro-Oeste, da Divisão de Geografia do C.N.G., geógrafo especializado, classe L, JOSÉ VERÍSSIMO DA COSTA PEREIRA, a quem foram outorgados plenos poderes, inclusive para organizar o itinerário e composição da mesma.

A presença, no Rio de Janeiro, do professor norte-americano, CLARENCE FIELDEN JONES<sup>1</sup>, motivou o seu aproveitamento como consultor-técnico da expedição<sup>2</sup>.

## B – OBJETIVO COMPLEXO

A finalidade precípua da expedição ficou bem expressa nos ofícios de apresentação às autoridades federais, estaduais e municipais. Tais credenciais foram assinadas, respectivamente pelo secretário-geral do Conselho Nacional de Geografia, Dr. CHRISTOVAM LEITE DE CASTRO, e pelo presidente do Conselho de Imigração e Colonização, ministro JORGE LATOUR.

Numa delas, o secretário-geral do C.N.G. frisou que a expedição ia “realizar estudos geográficos estreitamente ligados ao problema da colonização nacional”; noutra, o presidente do Conselho de Imigração e Colonização esclareceu que a expedição ia fazer “estudos geográficos referentes à colonização”.

A expressão “estudos geográficos ligados”, ou “referentes à colonização” implica, em tese, numa restrição da extensão dos primeiros e, conseqüentemente numa ampliação das particularidades que dizem respeito à colonização.

Em vista da área a estudar ser principalmente o Centro-Oeste, a restrição tornou-se obviamente maior, aumentando a compreensão da matéria na razão direta do objetivo expresso.

Do exposto, é explicável que algumas questões prévias tivessem sido levantadas:

1 – Qual a situação “conhecida” da colonização no Centro-Oeste, particularmente em Mato Grosso?

2 – Em que zonas já havia sido tentada a colonização?

3 – Quais as que possuíam colonização em plena florescência, em estado de estagnação, ou em decadência?

Para uma apreciação de conjunto, somente estudos de gabinete, apoiados em investigações sobre o terreno, poderiam respondê-las de modo mais conveniente. Esclareceu-se que, no regresso da expedição, após os resultados colhidos, o relatório poria em equação o problema da colonização no Centro-Oeste, nas zonas estudadas. Seria o meio mais prático de atender a um só tempo aos interesses do C.N.G., e aos do Conselho de Imigração e Colonização.

Devido a essas razões, o Relatório ao fornecer uma apreciação geral do quadro geográfico que deverá suportar um plano de colonização, procura apresentar também, aos interessados, uma exposição sucinta da evolução e da situação “presente” da colonização no território focalizado, sobretudo em Mato Grosso.

## C – COMPOSIÇÃO

Designados o chefe e o consultor-técnico, desde logo principiaram ambos, a cuidar da composição da expedição ouvindo sempre o diretor da atual Divisão de Geografia e o secretário-geral do C.N.G.

Como medida preliminar foram teóricamente debatidos os pontos básicos que deveriam ser considerados no estudo do vasto território em vista.

Observações prévias de gabinete já haviam revelado a heterogeneidade do território sob o ponto de vista físico, da ocupação humana e das atividades econômicas. Considerou-

<sup>1</sup> O Prof. JONES chegou ao Rio a 6 de abril de 1948, contratado pelo C.N.G., para um estágio de 6 meses no Brasil, como assistente-técnico. Pertence ao Departamento de Geografia da Northwestern University, Evanston, Illinois, U. S. A.

<sup>2</sup> As portarias de designação do chefe e do consultor técnico bem como as demais referentes aos restantes membros da expedição, foram lavradas a 15 de maio de 1948, pelo presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em exercício.

se, além disso, o estado de várias porções do enorme território quanto ao conhecimento científico, mesmo geral.

Verificada a precariedade dêste, concluiu-se pela conveniência de se enriquecer a composição com elementos técnicos, experimentados, capazes de investigar, com maior rigor, dentro de suas respectivas especialidades, certos componentes do meio natural.

Sabia-se, por exemplo, quanto a solos, que era notória a pobreza de informações científicas, básicas para um estudo como o que se pretendia fazer.

A inclusão de um pedólogo tornou-se uma necessidade imperiosa.

De fato, a fertilidade do solo constituía fator importante a ser investigado visto que o solo representa, por assim dizer, a matéria-prima a ser trabalhada pelo agricultor.

Por outro lado, havia interêsse em se intensificar o estudo científico do "cerrado". Êste, como se sabe, cobre áreas extensíssimas do Centro-Oeste e, até agora, muito pouca coisa verdadeiramente se conhece sôbre o mesmo. Em vista disso, tratou-se de incluir na expedição um especialista que, além de um estudo puramente fisionômico da vegetação, pudesse colhêr maiores esclarecimentos sôbre o complexo problema do "cerrado". Haveria assim, maiores possibilidades para um estudo do meio e das condições oferecidas à vegetação das próprias plantas que o constituem e, outrossim, da vida e expansão destas.

Convém, entretanto, frisar, que as possibilidades de um estudo fito-fisionômico do território a ser percorrido, uma visão mais ampla e global das formações e associações do "cerrado", observações importantes sôbre a vegetação de certas zonas, passíveis de um aproveitamento agrícola para uma futura colonização, tudo isso dependeria das facilidades e dos auxílios encontrados.

De início foi possível obter a elevada cooperação de duas importantes repartições públicas — a Secretaria de Agricultura do estado do Rio de Janeiro e o Instituto Osvaldo Cruz — os quais cederam ao C.N.G., pelo prazo necessário à viagem da expedição, respectivamente, o pedólogo e o ecólogo solicitados<sup>3</sup>.

Trata-se do pedólogo MOACIR PAVAGEAU diretor da Divisão de Química Agrícola da referida Secretaria, e do ecólogo HENRIQUE PIMENTA VELOSO, do Instituto Osvaldo Cruz. Êste último técnico teve a vantagem de já possuir experiência no estudo do "cerrado" em várias oportunidades e zonas da região Centro-Oeste.

Os demais componentes da expedição foram o geógrafo classe K, MIGUEL ALVES DE LIMA, chefe da Secção de Estudos do C.N.G. e então em trabalhos de campo no estado do Paraná, e o geógrafo classe J, PEDRO PINCHAS GEIGER, assistente da Secção Regional Centro-Oeste.

Como auxiliar do cinematografista foi designado o servidor DARTHINES MENESES, pertencente ao Laboratório Fotocartográfico, da Divisão de Cartografia do C.N.G.

#### D — ITINERÁRIO PREVISTO

O itinerário foi organizado de maneira a se atender à solicitação do diretor da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, em Bauru.

Saindo do Rio por via terrestre, a expedição deveria estacionar em Volta Redonda onde se tirariam alguns aspectos cinematográficos. Daí seguiria para São Paulo pela estrada que acompanha o rio Paraíba do Sul até Guararema.

Em São Paulo demorar-se-ia o tempo necessário à filmagem de aspectos da cidade, bem assim, do pôrto de Santos, o grande escaadouro da região a ser percorrida. Rumaria depois para Campinas, continuando daí até Bauru via Piracicaba e Jaú. Em tôdas as oportunidades uma filmagem documental deveria ser feita.

Em Bauru permaneceria o tempo necessário para estabelecer contacto com o Cel. LIMA FIGUEIREDO e atender ao pedido dêste.

Da última cidade seguiria para o sul do estado, de Mato Grosso até Campo Grande, rumando após, em direção a Cuiabá, de onde, então marcharia para Poxorêu, zona principal dos estudos a serem feitos.

<sup>3</sup> A essas duas notáveis repartições públicas deixamos aqui os nossos vivos agradecimentos.

Com a chegada de um técnico norte-americano, contratado pelo C.N.G., especializado em cinematografia, Mr. ARTHUR H. C. SIENTZNICH, resolveu-se que se fizesse também um filme colorido documental, focalizando aspectos do território percorrido.

Para chefiar a expedição foi designado o chefe da Secção Regional Centro-Oeste, da Divisão de Geografia do C.N.G., geógrafo especializado, classe L, JOSÉ VERÍSSIMO DA COSTA PEREIRA, a quem foram outorgados plenos poderes, inclusive para organizar o itinerário e composição da mesma.

A presença, no Rio de Janeiro, do professor norte-americano, CLARENCE FIELDEN JONES<sup>1</sup>, motivou o seu aproveitamento como consultor-técnico da expedição<sup>2</sup>.

## B – OBJETIVO COMPLEXO

A finalidade precípua da expedição ficou bem expressa nos ofícios de apresentação às autoridades federais, estaduais e municipais. Tais credenciais foram assinadas, respectivamente pelo secretário-geral do Conselho Nacional de Geografia, Dr. CHRISTOVAM LEITE DE CASTRO, e pelo presidente do Conselho de Imigração e Colonização, ministro JORGE LATOUR.

Numa delas, o secretário-geral do C.N.G. frisou que a expedição ia “realizar estudos geográficos estreitamente ligados ao problema da colonização nacional”; noutra, o presidente do Conselho de Imigração e Colonização esclareceu que a expedição ia fazer “estudos geográficos referentes à colonização”.

A expressão “estudos geográficos ligados”, ou “referentes à colonização” implica, em tese, numa restrição da extensão dos primeiros e, conseqüentemente numa ampliação das particularidades que dizem respeito à colonização.

Em vista da área a estudar ser principalmente o Centro-Oeste, a restrição tornou-se obviamente maior, aumentando a compreensão da matéria na razão direta do objetivo expresso.

Do exposto, é explicável que algumas questões prévias tivessem sido levantadas:

1 – Qual a situação “conhecida” da colonização no Centro-Oeste, particularmente em Mato Grosso?

2 – Em que zonas já havia sido tentada a colonização?

3 – Quais as que possuíam colonização em plena florescência, em estado de estagnação, ou em decadência?

Para uma apreciação de conjunto, somente estudos de gabinete, apoiados em investigações sobre o terreno, poderiam respondê-las de modo mais conveniente. Esclareceu-se que, no regresso da expedição, após os resultados colhidos, o relatório poria em equação o problema da colonização no Centro-Oeste, nas zonas estudadas. Seria o meio mais prático de atender a um só tempo aos interesses do C.N.G., e aos do Conselho de Imigração e Colonização.

Devido a essas razões, o Relatório ao fornecer uma apreciação geral do quadro geográfico que deverá suportar um plano de colonização, procura apresentar também, aos interessados, uma exposição sucinta da evolução e da situação “presente” da colonização no território focalizado, sobretudo em Mato Grosso.

## C – COMPOSIÇÃO

Designados o chefe e o consultor-técnico, desde logo principiaram ambos, a cuidar da composição da expedição ouvindo sempre o diretor da atual Divisão de Geografia e o secretário-geral do C.N.G.

Como medida preliminar foram teóricamente debatidos os pontos básicos que deveriam ser considerados no estudo do vasto território em vista.

Observações prévias de gabinete já haviam revelado a heterogeneidade do território sob o ponto de vista físico, da ocupação humana e das atividades econômicas. Considerou-

<sup>1</sup> O Prof. JONES chegou ao Rio a 6 de abril de 1948, contratado pelo C.N.G., para um estágio de 6 meses no Brasil, como assistente-técnico. Pertence ao Departamento de Geografia da Northwestern University, Evanston, Illinois, U.S.A.

<sup>2</sup> As portarias de designação do chefe e do consultor técnico bem como as demais referentes aos restantes membros da expedição, foram lavradas a 15 de maio de 1948, pelo presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em exercício.

se, além disso, o estado de várias porções do enorme território quanto ao conhecimento científico, mesmo geral.

Verificada a precariedade dêste, concluiu-se pela conveniência de se enriquecer a composição com elementos técnicos, experimentados, capazes de investigar, com maior rigor, dentro de suas respectivas especialidades, certos componentes do meio natural.

Sabia-se, por exemplo, quanto a solos, que era notória a pobreza de informações científicas, básicas para um estudo como o que se pretendia fazer.

A inclusão de um pedólogo tornou-se uma necessidade imperiosa.

De fato, a fertilidade do solo constituía fator importante a ser investigado visto que o solo representa, por assim dizer, a matéria-prima a ser trabalhada pelo agricultor.

Por outro lado, havia interêsse em se intensificar o estudo científico do "cerrado". Êste, como se sabe, cobre áreas extensíssimas do Centro-Oeste e, até agora, muito pouca coisa verdadeiramente se conhece sôbre o mesmo. Em vista disso, tratou-se de incluir na expedição um especialista que, além de um estudo puramente fisionômico da vegetação, pudesse colher maiores esclarecimentos sôbre o complexo problema do "cerrado". Haveria assim, maiores possibilidades para um estudo do meio e das condições oferecidas à vegetação das próprias plantas que o constituem e, outrossim, da vida e expansão destas.

Convém, entretanto, frisar, que as possibilidades de um estudo fito-fisionômico do território a ser percorrido, uma visão mais ampla e global das formações e associações do "cerrado", observações importantes sôbre a vegetação de certas zonas, passíveis de um aproveitamento agrícola para uma futura colonização, tudo isso dependeria das facilidades e dos auxílios encontrados.

De início foi possível obter a elevada cooperação de duas importantes repartições públicas — a Secretaria de Agricultura do estado do Rio de Janeiro e o Instituto Oswaldo Cruz — os quais cederam ao C. N. G., pelo prazo necessário à viagem da expedição, respectivamente, o pedólogo e o ecólogo solicitados<sup>3</sup>.

Trata-se do pedólogo MOACIR PAVAGEAU diretor da Divisão de Química Agrícola da referida Secretaria, e do ecólogo HENRIQUE PIMENTA VELOSO, do Instituto Oswaldo Cruz. Êste último técnico teve a vantagem de já possuir experiência no estudo do "cerrado" em várias oportunidades e zonas da região Centro-Oeste.

Os demais componentes da expedição foram o geógrafo classe K, MIGUEL ALVES DE LIMA, chefe da Secção de Estudos do C. N. G. e então em trabalhos de campo no estado do Paraná, e o geógrafo classe J, PEDRO PINCHAS GEIGER, assistente da Secção Regional Centro-Oeste.

Como auxiliar do cinematografista foi designado o servidor DARTHINES MENESES, pertencente ao Laboratório Fotocartográfico, da Divisão de Cartografia do C. N. G.

#### D — ITINERÁRIO PREVISTO

O itinerário foi organizado de maneira a se atender à solicitação do diretor da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, em Bauru.

Saindo do Rio por via terrestre, a expedição deveria estacionar em Volta Redonda onde se tirariam alguns aspectos cinematográficos. Daí seguiria para São Paulo pela estrada que acompanha o rio Paraíba do Sul até Guararema.

Em São Paulo demorar-se-ia o tempo necessário à filmagem de aspectos da cidade, bem assim, do pôrto de Santos, o grande escoadouro da região a ser percorrida. Rumaria depois para Campinas, continuando daí até Bauru via Piracicaba e Jaú. Em tôdas as oportunidades uma filmagem documental deveria ser feita.

Em Bauru permaneceria o tempo necessário para estabelecer contacto com o Cel. LIMA FIGUEIREDO e atender ao pedido dêste.

Da última cidade seguiria para o sul do estado, de Mato Grosso até Campo Grande, rumando após, em direção a Cuiabá, de onde, então marcharia para Poxorêu, zona principal dos estudos a serem feitos.

<sup>3</sup> A essas duas notáveis repartições públicas deixamos aqui os nossos vivos agradecimentos.

O regresso foi previsto pelo sudoeste de Goiás de onde a expedição alcançaria Goiânia, a fim de descansar e coletar dados julgados necessários, nas repartições competentes.

De Goiânia voltaria ao Rio de Janeiro por Belo Horizonte via Triângulo Mineiro<sup>4</sup>.

## E — EQUIPAMENTO E PARTIDA

A expedição foi suficientemente provida para enfrentar uma longa viagem pelo interior do país e dotada para os seus trabalhos técnicos dos necessários recursos em instrumentos e aparelhos de observação.

Além do material científico constante da lista abaixo<sup>5</sup>, pôde contar com uma pequena mas completa estação meteorológica, portátil, cedida pelo Instituto Osvaldo Cruz e confiada ao técnico do mesmo, Dr. HENRIQUE PIMENTA VELOSO.

A Secretaria de Agricultura do estado do Rio de Janeiro emprestou, por sua vez, o trado e outras peças necessárias à coleta de amostras de solo, e que sempre estiveram sob a guarda de seu alto funcionário, Dr. MOACIR PAVAGEAU.

A partida do Rio de Janeiro deu-se às 6 horas do dia 22 de maio de 1946, saindo a expedição em busca de Volta Redonda, sua primeira etapa.

## F — ITINERÁRIO COBERTO E PRINCIPAIS OCORRÊNCIAS

### 1 — Do Rio a Bauru

Saindo do Rio de Janeiro a expedição pernitoou em Volta Redonda, daí seguindo para Cruzeiro no dia imediato.

Por Guaratinguetá e Taubaté chegou, a 24 de maio, a São Paulo onde permaneceu até o dia 1.º de junho. Durante êsse tempo, seguiu várias vezes até Santos cujo pôrto foi estudado e filmado.

De São Paulo rumou para Campinas onde pernitoou. No dia imediato fizeram-se reconhecimentos e filmagem nos arredores da cidade, tendo prestado inestimáveis auxílios vários técnicos do Instituto Agrônômico de Campinas<sup>6</sup>.

Tendo pernitoado nesta última cidade, no dia seguinte, 3 de junho, realizou observações gerais nos arredores da mesma, sobretudo na área onde se encontra localizada a usina Monte Alegre, grande produtora de açúcar.

De Piracicaba seguiu para Jaú, onde pernitoou, realizando no dia seguinte (4 de junho) reconhecimentos nas cercanias da cidade e filmagem de uma fazenda de café, aparentemente do tipo médio<sup>7</sup>.

Cumpre destacar que o trecho Piraciaba-Jaú foi feito por dois grupos, seguindo estradas diferentes: um seguiu via São Pedro, por Charqueada, ao passo que outro atingiu São Pedro por uma estrada inferior, ligando Piracicaba às Termas.

De Jaú a expedição seguiu, ainda a 4 de junho, diretamente para Bauru onde se demorou nove dias, após entrar em contacto com o Cel. LIMA FIGUEIREDO, a fim de saber o que essa autoridade pretendia, reexaminar o plano esboçado a iniciar imediatamente os trabalhos constantes da sua solicitação<sup>8</sup>.

<sup>4</sup> O itinerário previsto foi sujeito a modificações e a ampliações, devido a circunstâncias várias, como se verá oportunamente. Vide cartograma.

<sup>5</sup> Bússolas (4), Clinômetro (1), Declinatórias (1), Aneróides (3), Termômetros Circulatórios (3), Termômetros de máxima e mínima (2), Higrômetro (1), Podômetros (2); Trenas (3), Câmara clara (1), Alidades (2), Prancheta e tripé (1), Estádies (4).

<sup>6</sup> Cumpre destacar o auxílio prestado pelos técnicos Dts. JOÃO QUINTILIANO, solo-conservacionista e José ELIAS, chefe da Secção Agro-Geológica e PAIVA NETO, os quais acompanharam a expedição até Piracicaba.

<sup>7</sup> Trata-se da fazenda D. Maria, estrada da Bica da Pedra, caminho de Itapuá.

<sup>8</sup> Consistiu a solicitação do diretor da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil numa série de estudos geográficos ao longo da referida ferrovia visando zonas suscetíveis de colonização, a saber: noroeste paulista a partir de Andradina; trecho da ferrovia em Ligação; zona de Bodoquena em Guaicurus; zona de Dourados.



Até Lins teve grande auxílio de técnicos do Departamento de Estradas de Rodagem do estado de São Paulo, sediado em Bauru. Os referidos técnicos tudo fizeram para proporcionar aos componentes da expedição amplas e corretas informações<sup>9</sup>.

Pernotando em Lins, a expedição saiu no dia seguinte, 14 de junho, em observações pelos arredores, assistida agora por outros técnicos de D.E.R. de São Paulo<sup>10</sup>; rumando depois para Penápolis, de onde irradiou até o rio Tietê a fim de ser visitado e filmado o salto de Avandava.

De Penápolis, no mesmo dia, chegou a Araçatuba. Nesta cidade permaneceu durante sete dias a fim de realizar pela segunda vez observações mais pormenorizadas, sobretudo ao longo do ramal de Lussanvira, da E. F. Noroeste, e na importante frente pioneira de Pereira Barreto.

Como sucedeu em Bauru, também foram feitos reconhecimentos aéreos em Araçatuba, um dos quais até o salto de Urubupungá.

Em tôdas as suas irradiações e importantes reconhecimentos, tomaram também parte, por extrema gentileza, o chefe do Setor Noroeste do Serviço Nacional de Malária, sediado em Araçatuba, Dr. DURVAL MOREIRA DA SILVA LIMA<sup>11</sup> e o engenheiro da D.E.R., Dr. HUDI ÁLVARES DE ABREU.

De Araçatuba a expedição prosseguiu para Andradina, a 21 de julho; Andradina serviu de terceiro centro de maiores irradiações e estudos. O município foi praticamente cortado de norte a sul e de leste a oeste. Nessas irradiações salientou-se a visita ao salto de Itapura, ao norte, e ao rio Feio, ou Aguapeí, ao sul. Para economizar e dar maior eficiência aos trabalhos, foram organizados grupos para realizar as irradiações. Estas tiveram a companhia do prefeito, Dr. EDUARDO RAMALHO que, juntamente com outras figuras da sociedade local<sup>12</sup> prestou valiosas informações acêrca da cidade e do município.

### 3 — Trecho matogrossense da "Noroeste" entre Três Lagoas e Campo Grande

De Andradina a expedição seguiu a 23 de junho para Três Lagoas (MT) onde chegou à noite. Aí pernотou duas vèzes.

Durante sua estada na cidade e arredores, a expedição pôde contar com os vastos conhecimentos práticos sôbre a geografia e a história da região, revelados pelo Sr. MANUEL GARCIA DE SOUSA, inspetor do tráfego da NOB<sup>13</sup>. Seu irmão, o prefeito de Três Lagoas, Sr. MARCOLINO CARLOS DE SOUSA acompanhou os componentes da expedição até o salto de Urubupungá, hospedando-os ainda em sua fazenda Colina, por tôda uma noite. A fazenda foi estudada em seus pormenores por parte daqueles que não tiveram animais de sela para chegar ao salto, o qual foi filmado.

Entre Três Lagoas e Campo Grande, a expedição pernотou duas vèzes: uma, a 25 de junho, em Vitorino, estação da NOB, a fim de fazer observações nos arredores; outra, em Ligação, na madrugada do dia seguinte, com o objetivo de visitar a fazenda Ligação, do Frigorífico Anglo S. A.

Em Campo Grande a primeira permanência foi de oito dias, servindo a cidade de centro das irradiações, que se fizeram para o sul, oeste e arredores.

<sup>9</sup> Dr. ANTÔNIO AUGUSTO VIANA e o topógrafo HAROLDO CÉSAR DO AMARAL. Êste acompanhou a expedição por todo o município de Bauru, demonstrando interêsse invuigar pelos trabalhos. Sempre foi solícito em prestar localmente tôdas as informações possíveis.

<sup>10</sup> Dr. HUDI ÁLVARES DE ABREU.

<sup>11</sup> Êste sanitarista acompanhou a expedição durante cêrca de um mês prestando-lhe, além de outros, inestimáveis serviços referentes à malária e outras doenças de sua especialidade. Nunca é demais renovar aqui os calorosos agradecimentos a tão denodado companheiro, que sômente deixou a companhia da expedição ao partir esta de Campo Grande para Cuiabá.

<sup>12</sup> LOURIVAL RABELO DOS SANTOS, presidente da Câmara Municipal; ANTÔNIO MACCI, secretário da Prefeitura; JOÃO GUARINO MELHORANÇA, lavrador; além de outros.

<sup>13</sup> Estrada de Ferro Noroeste do Brasil.

## 4 — Trecho sul de Campo Grande

Para o sul, seguiu, a 1.º de julho, até Maracaju onde pernitoiu. No dia seguinte realizou reconhecimentos ao longo e nas proximidades da estrada que liga a sede do município à de Dourados<sup>14</sup>. Nesta cidade passou a noite de 2 de julho a fim de, no outro dia, visitar a Colônia Agrícola Nacional de Dourados.

Após a visita<sup>15</sup> muito rápida, aliás, devido à inclemência do tempo, marchou para Ponta Porã. Aí passou a noite do dia 3. No dia imediato visitou as redondezas, inclusive a cidade paraguaia de Juan Manuel Caballero<sup>16</sup>.

O regresso a Maracaju deu-se nesse mesmo dia 4, por outra estrada, a de Ervânia, completando assim o circuito.

Após pernitoiar a segunda noite em Maracaju, a expedição regressou à sua “base” em Campo Grande, no dia 5.

Em Campo Grande, desde a sua chegada, contou com o auxílio do prefeito, Dr. FERNANDO CORREIA DA COSTA e com a grande prestimosidade do Sr. GABRIEL RUIZ, inspetor do tráfego da NOB.

Nos arredores fizeram-se observações e vários inquéritos econômicos, sobretudo em Roshedinho, Jaraguá, Terenos e Indubrasil.

## 5 — Trecho da “Noroeste” matogrossense entre Campo Grande e Corumbá

Em atenção ao que fôra recomendado pelo Cel. LIMA FIGUEIREDO, a expedição deixou Campo Grande, no dia 7 de junho, seguindo em direção oeste, a fim de fazer observações de importância em Aquidauana, Miranda, Guaicurus, Carandázal e Pôrto Esperança. Em Aquidauana pernitoiu no dia 7; em Miranda no dia 8; em Carandázal no dia 9.

Em Miranda pôde penetrar alguns quilômetros no interior do Pantanal percorrendo as instalações e terras da Miranda Estância.

Em Guaicurus visitou a sede da fazenda da Territorial Franco Brasileira, e em Carandázal outra penetração mais profunda no Pantanal foi feita no “retiro” do Barreiro pertencente à Franco Territorial. Filmaram-se nesta oportunidade inúmeras cenas, comuns na vida de uma grande fazenda de criação, mas de acentuada cor local.

Em Pôrto Esperança, onde chegou no dia 9, aí pernitoiando, além de observações e inquéritos locais feitos no dia 10, visitaram-se o pôrto e a ponte Presidente Eurico Dutra. Esta ligará por via férrea Pôrto Esperança a Corumbá e, por intermédio da E. F. Brasil-Bolívia, Santos ao Pacífico.

Cumprê salientar que, viajando em composição especial da NOB, posta à disposição pelo seu diretor, a expedição parou várias vezes entre Campo Grande e Pôrto Esperança para observações locais, além das mencionadas, como sucedeu em Piraputanga, Bodoquena, etc.

Diante da oportunidade de se encontrar em Pôrto Esperança e da conveniência de se visitar Corumbá a fim de colhêr dados e conhecer o estabelecimento siderúrgico dos Irmãos Chama, perto de Ladário, resolveu-se fretar um navio especial<sup>17</sup> para o transporte da expedição até Corumbá. Assim seria possível também observar as margens do rio Paraguai e filmá-las.

<sup>14</sup> O prefeito de Maracaju, Sr. FRANCISCO FERNANDES FERREIRA e o agrônomo do Pôsto Agro-Pecuário de Maracaju, acompanharam a expedição até os limites com o município de Dourados. Ainda em Maracaju, o engenheiro da NOB, Dr. JOAQUIM AIRES DA SILVA forneceu interessantes informações sobre a região em derredor, além dos senhores JOÃO PEDRO FERNANDES, fundador de Maracaju, e FRANCISCO MECCHI FILHO, tabelião.

<sup>15</sup> Apesar da escassez de tempo — algumas horas apenas — foi possível percorrer de automóvel um bom trecho do território da Colônia e obter inúmeras informações mediante um trabalho intensivo de diversas turnas da expedição atuando simultaneamente em diversos setores da Colônia. O resultado foi bastante satisfatório em vista da boa organização dos serviços da Colônia e prestabilidade de seus servidores, entre os quais é justo destacar o Eng. C. DUQUE KOSLOWSKI.

<sup>16</sup> Nessas visitas teve a acompanhá-lo o prefeito, major ANTÔNIO CARLOS DE MIRANDA CORREIA: o secretário da Prefeitura, VINICIUS NASCIMENTO e o advogado HÉLIO BRANDÃO.

<sup>17</sup> Como se sabe, o único navio de passageiros entre as duas localidades é o “Fernandes Vieira”, que somente à noite cobre a distância entre as mesmas.

A expedição pernitoou a bordo, durante a viagem, dia 11 de julho, chegando a Corumbá no dia seguinte pela manhã<sup>18</sup>.

Em Corumbá passou uma noite, depois de visitar e filmar a usina siderúrgica já referida. Deu-se o regresso a Campo Grande no dia 16 de junho<sup>19</sup>.

Ao retornar a Campo Grande várias observações foram verificadas e outras feitas pela primeira vez, nos trechos em que a passagem se efetuara à noite, caso muito raro, aliás, devido ao fato de a expedição poder interromper a viagem por trem em qualquer ponto e a qualquer hora, segundo os seus interesses<sup>20</sup>.

## 6 — Trecho entre Campo Grande e Cuiabá

Preenchidas as suas finalidades em Campo Grande, pois que era da combinação prévia aí receber numerário para o prosseguimento para Cuiabá, a expedição rumou para o norte, em busca dessa capital.

Deixando Campo Grande às 3 horas da madrugada do dia 20 de julho, após chuva torrencial, que aliás facilitou a marcha através dos extensos areões, a expedição acampou por uma noite a 148 quilômetros, na direção de Herculânia, tendo antes estacionado na Colônia Bandeirantes para observações, inquéritos e descanso.

Do acampamento seguiu para o rio Verde a 21, e daí para Herculânia, onde, a 22, pernitoou.

Nesta última cidade rumou até a localidade de Cabeceira Alta onde pernitoou, acampada, a fim de visitar o “sumidouro” do rio Correntes e fazer algumas investigações de importância.

No dia seguinte, 23 de julho, após tais investigações, continuou em direção a Rondonópolis, via *canyon* do Itiquira, penetrando assim, pela primeira vez, numa vasta porção do município de Poxorêu.

Antes de atingir Rondonópolis, acampou por uma noite em Anhumas. Aí pôde realizar importantes inquéritos, sobretudo com o Sr. SEVERIANO GODOFREDO DE ALBUQUERQUE, ex-auxiliar da Comissão Rondon, e administrador da estrada de rodagem, turma de Cuiabá-Campo Grande, então estacionada em Anhumas.

No dia seguinte, 24 de julho, prosseguiu para Rondonópolis, onde chegou às margens do Poguba, ao cair da tarde, acampando parte dos componentes à margem esquerda do mesmo. A outra ocupou, à direita, o prédio arranjado pelo referido Sr. SEVERIANO DE ALBUQUERQUE<sup>21</sup>

Em Rondonópolis, município de Poxorêu, a expedição permaneceu pelo espaço de 4 dias, daí seguindo para São Vicente, no dia 27. Nesta localidade está instalada a Escola de

<sup>18</sup> A viagem foi extremamente lenta, tendo o vapor contratado partido de Pôrto Esperança ao meio dia.

<sup>19</sup> Nesse intervalo, circunstâncias felizes permitiram, graças à gentileza da direção da Estrada de Ferro Brasil-Bolívia, prolongar a excursão até São José de Chiquitos, na Bolívia, a cerca de 400 quilômetros da cidade matogrossense de Corumbá. Em território boliviano pernitoou duas noites: uma em Roboré, a 12 de junho; e a outra em São José de Chiquitos, a 13, regressando a 14.

Observações de importância para a compreensão do Pantanal e sua vegetação, foram feitas durante a importante penetração. Dispondo de *Carros de Inspección* da E. F. Brasil-Bolívia, a expedição pôde efetuar várias paradas nos pontos julgados de maior interesse, segundo a vontade dos seus vários membros. Êsses carros, dotados de grande visibilidade, foram cedidos pelo diretor, Eng. ERNESTO FREDERICO DE OLIVEIRA, brasileiro, e o delegado boliviano, Eng. JÚLIO COMÚCIO. Um representante da ferrovia acompanhou a expedição, a qual foi sempre muito bem recebida pelos engenheiros de ambas as nacionalidades.

<sup>20</sup> Segundo as ordens expedidas pelo diretor da NOB, a composição cedida à expedição tinha êsse direito. Isso facilitou sobremaneira a tarefa, tornando-a menos árdua, mais rápida e eficiente. Daí a considerável massa de material colhido, em tempo relativamente curto. Em cada estação, o agente ou o seu preposto, comparecia à passagem do trem, a fim de entregar por escrito as informações solicitadas em viagem, sobre a zona servida pela sua estação. De acôrdo com os elementos informativos decidia-se estacionar neste ou naquele ponto, com certeza quase absoluta de um resultado bom.

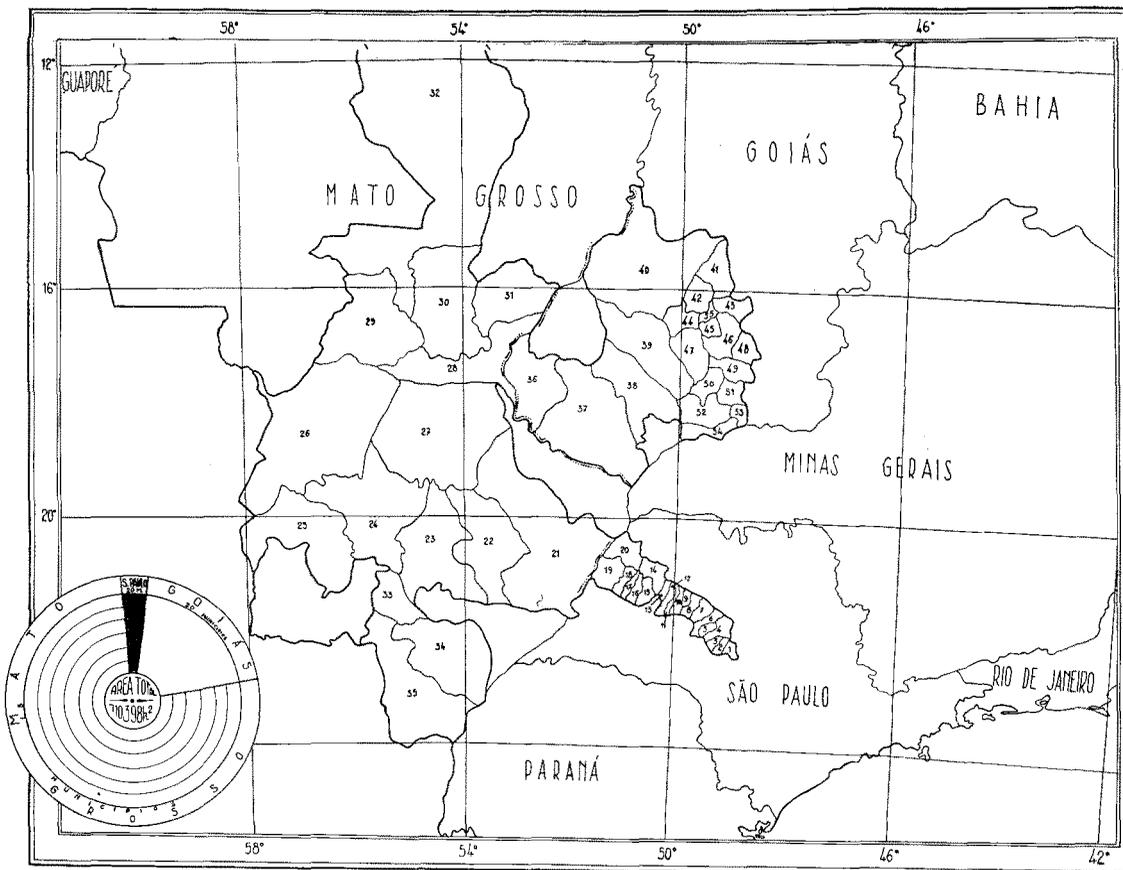
<sup>21</sup> Êste acompanhou a expedição de Anhumas até Rondonópolis e, desta localidade a vários pontos próximos, inclusive ao aldeamento dos índios Borozos, com os quais mantém as melhores relações.

Iniciação Agrícola Gustavo Dutra. No caminho parou em São Lourenço, fazendo então, alguns inquéritos.

Em São Vicente, pernitoou na Escola Gustavo Dutra, cujas instalações foram visitadas no dia seguinte, 28<sup>o</sup>.

No dia 29, pela manhã, a expedição deixou São Vicente sob forte cerração, chegando a Cuiabá, à tarde.

## Principal Territorio Estudado com os Municipios Total ou Parcialmente Percorridos



### SÃO PAULO

- 1 - Bauru
- 2 - Araçatuba
- 3 - Presidente Alves
- 4 - Pirajuí
- 5 - Guapytá
- 6 - Capelândia
- 7 - Lins
- 8 - Proflissão
- 9 - Anhandara
- 10 - Penápolis
- 11 - Glúcevo
- 12 - Cuiabás
- 13 - Boreu
- 14 - Ribeirão
- 15 - Guararapes
- 16 - Valparaíso
- 17 - Liviaia
- 18 - Piratopolis

### MATO GROSSO

- 19 - Aruaçu
- 20 - Pereira Barneto
- 21 - Três Lagoas
- 22 - Ribas do Rio Pardo
- 23 - Campo Grande
- 24 - Açu
- 25 - Miranda
- 26 - Corumbá
- 27 - Maracajú
- 28 - Dourados
- 29 - Ponta-Pora
- 27 - Hezulândia
- 28 - Alto Araguaia
- 29 - Leveger
- 30 - Poxoréu
- 31 - Guatubá
- 32 - Cuiabá

### GOIÁS

- 36 - Pirenópolis
- 37 - Jataí
- 38 - Ruyterbe
- 39 - Pádua
- 40 - Goiás
- 41 - Jataí
- 42 - Itaberaí
- 43 - Anicuns
- 44 - Anicuns
- 45 - Trindade
- 46 - Goiânia
- 47 - Pajandá
- 48 - Sincanhá
- 49 - Pôrto Alegre
- 50 - Pontalina
- 51 - Morrinhos
- 52 - Goiânia
- 53 - Buriti-Alegre
- 54 - Itumbara
- 55 - Muzilândia

• MUNICÍPIOS SEI

ESTADO DE SÃO PAULO

<sup>22</sup> Dirigia então, interinamente, o referido estabelecimento, o Sr. ALCIDES DUTRA, que foi pródigo em gentilezas, tendo facilitado tôdas as informações e observações necessárias.

### 7 — Trecho de Cuiabá e arredores

Nessa capital, após as visitas protocolares, permaneceu nove dias, durante os quais inúmeros inquéritos, coletas de dados e algumas excursões foram levadas a efeito nos arredores.

Dentre as últimas, destacam-se a que foi realizada à “Chapada” por sugestão do governador de Mato Grosso, Dr. ARNALDO ESTÊVÃO DE FIGUEIREDO, o qual, em companhia, do secretário de Estado, Dr. CIVIS MÜLLER DA SILVA PEREIRA, acompanhou os componentes da expedição até a referida e tradicional localidade.

Seguiu-se o velho caminho de Buriti e, na Chapada, importante inquérito foi feito com o bispo, D. Frei VUNIBALDO TALLEUR, O.F.M., grande conhecedor do norte de Mato Grosso.

Outra irradiação de Cuiabá estendeu-se até Leverger e arredores; teve a finalidade de visitar as usinas açucareiras esparsas à margem direita do rio Cuiabá, bem como realizar inquéritos e outras observações ligadas à fitogeografia, geomorfologia e solos. Finalmente, foi sobrevoada a zona da chapada de Cuiabá.

Ainda em Cuiabá, aproveitando uma sugestão do Banco da Borracha, fez-se uma visita a um seringal próximo, onde se filmaram cenas relativas à exploração de seringueiras. Na mesma oportunidade observaram-se culturas de hortaliças ao longo do rio Cuiabá e visitou-se a fábrica de beneficiamento da borracha à margem direita do referido curso d'água.

### 8 — Trecho entre Cuiabá e Poxorêu

A 7 de agosto, pela manhã, tendo a honrosa companhia do governador do estado e sua Exma. esposa; a do secretário da Justiça e senhora, a expedição partiu para Águas Quentes onde pernitoiu. Já no dia seguinte sem os ilustres acompanhantes, a expedição saiu para a Escola de Iniciação Agrícola Gustavo Dutra a fim de completar observações de campo e filmar as instalações, coisa que não foi possível fazer da primeira visita, devido ao forte nevoeiro.

Na Escola passou mais uma noite, a de 8 de agosto. No outro dia, prosseguiu em direção à fazenda do Cel. LUISINHO, à margem do Poguba-Xorêu. Além de estudar e filmar as instalações da mesma, realizou frutuosas observações sobre a efêmera colônia de cearenses instalada provisoriamente, à margem do citado rio e em local em frente à referida fazenda.

Rumou em seguida para Mutum, já no município de Poxorêu, onde estacionou para inquéritos, continuando depois, em busca da sede do município.

Devido ao adiantado da hora e a importância do trajeto para as investigações de geografia física, a expedição acampou ao cair da tarde ao pé da chamada serra do Chibiu. No dia seguinte, 10 de agosto, atingiu a cidade de Poxorêu, principal objetivo da expedição.

### 9 — Trecho entre Poxorêu e Alto Araguaia

Na sede do município a expedição permaneceu 4 dias de intenso trabalho. Fêz observações ao longo da estrada em construção para Rondonópolis, visitou zonas de garimpagem, notadamente a do Alto Coité e completou, por meio de dois aviões postos à disposição pela Prefeitura Municipal, o mapeamento da vegetação do município.

De Poxorêu seguiu a 14 de agosto, para a Colônia Paraíso, povoada de nordestinos, rumando após, para Guiratinga (ex-Lajeado) onde chegou no mesmo dia, cerca de meia-noite. Aí permaneceu, completa, durante dois dias.

A 16 de agosto, um grupo continuou viagem para Alto Araguaia e outro ficou na cidade a fim de completar reconhecimentos aéreos e terrestres.

A zona de garimpagem denominada Tesouro foi visitada. O trecho que, por ocasião da chegada a Guiratinga, devido à escuridão da noite tornou impossível observações, suspeitas de importância, foi novamente percorrido de automóvel pelos que ficaram na cidade.

## 10 – Em território goiano

### a) Trecho Alto Araguaia-Jataí

A expedição chegou bipartida a Goiás, tendo os seus membros atingido Jataí em épocas diferentes. Ambos os grupos fizeram estacionamento maiores ou menores, em Alto Araguaia, onde pernотaram; o primeiro grupo, uma vez, e o segundo duas, tendo também dormido uma noite em Mineiros (Goiás).

Em Jataí deu-se a primeira irradiação maior em Goiás, segundo o sistema de grupos, que foram sempre acompanhados por conhecedores do município entre os quais o prefeito municipal, EPAMINONDAS H. DE CAMPOS; o presidente da Câmara Municipal, DR. ANTÔNIO SOARES GEDA; o vereador DR. JOSÉ FELICIANO.

Um reconhecimento aéreo até o canal de São Simão foi outrossim, levado a efeito.

### b) Trecho Jataí-Goiânia

De Jataí, onde o primeiro grupo permaneceu 6 dias, a expedição seguiu completa, no dia 23 de agosto para Goiânia, via Rio Verde onde pernотou. No dia seguinte foram feitas algumas ligeiras observações nos arredores da cidade de Rio Verde, sobretudo na Estação Experimental do Cerrado, mantida pela Fundação Brasil Central e sob a competente direção do DR. JOSÉ PIMENTEL<sup>23</sup>.

A saída para Goiânia deu-se a 24 de agosto e nessa capital ficou 3 dias. Não teve tempo para descansar, como estava previsto, por isso que atendeu ao pedido do governador de Goiás, DR. JERÔNIMO COIMBRA BUENO, no sentido de visitar e estudar, ligeiramente a frente pioneira de Firminópolis e Marilândia, bem assim a zona da futura cidade que se denominará Rubiataba.

### c) Trecho Goiânia-Ceres-Goiânia-Itumbiara

Em avião da FAB um grupo fez reconhecimentos aéreos até Ceres, sede da Colônia Agrícola Nacional de Goiás. Um segundo grupo seguiu a 30 de agosto por terra, até Anápolis, onde pernотou. Daí marchou no dia imediato, após rápido reconhecimento nos arredores da cidade, para Jaraguá e Ceres.

Na sede da Colônia Agrícola permaneceu dois dias, 31 de agosto e 1.º de setembro, a fim de visitar a Colônia<sup>24</sup> e viajar até Rubiataba, conforme pedido do governador de Goiás.

Regressada a Goiânia, a 3 de setembro, exausta, a expedição partiu no dia 4, após um dia de descanso, de volta para o Rio, via Suçupara, Piracanjuba, Morrinhos, Buriti Alegre e Itumbiara, já no limite com Minas Gerais.

<sup>23</sup> Em maio de 1949, o chefe da expedição em companhia do cinematografista ARTUR C. SIENTZINCH, voltou a Rio Verde a fim de completar as observações no município, filmar cenas importantes para o filme documental e conhecer as instalações dos colonos italianos recentemente chegados da Itália. Nessa oportunidade, foram ainda visitados o Posto Agro-Pecuário, montado pelo Ministério da Agricultura; a usina de açúcar da Fundação Brasil Central e a cachoeira de São Tomás.

<sup>24</sup> Já estava sendo estudada pelo primeiro grupo chegado de avião e já era bem conhecida pelo geógrafo-chefe da expedição.

## 11 — Em Território Mineiro

Por Toribatê, Tupaciguara, atingiu Uberlândia, onde pernitoiu. No dia imediato rumou a cachoeira do Pai Joaquim. Aí estacionou para reconhecimento rápido, continuando em seguida até Araxá, onde chegou a 5 de setembro. No Grande Hotel permaneceu até a manhã do dia 7. Aproveitou-se a oportunidade para a filmagem de cenas importantes.

De Araxá seguiu para Belo Horizonte aí ficando o dia 8 para filmar aspectos da cidade. A 9, partiu para Juiz de Fora, onde pernitoiu.

## IV REGRESSO, DURAÇÃO, MEIOS DE TRANSPORTE, EXTENSÃO PERCORRIDA

Após Juiz de Fora, cobriu a última etapa do regresso ao Rio de Janeiro, onde chegou às 16 horas do dia 10 de setembro de 1948, via Petrópolis.

A expedição teve, portanto, a duração de cerca de 4 meses. Havia percorrido quase 15 mil quilômetros com a seguinte distribuição:

	<i>Kms</i>	
<i>a</i> — Camioneta do CNG .....	10 270,75	(ida e volta, mas em diferente itinerário);
<i>b</i> — Noroeste . . . . .	1 889,00	(Ramal de Lussanvira 212 kms, ida e volta; Araçatuba-Campo Grande 613; Campo Grande-Maracaju 306, ida e volta; Campo Grande-Pôrto Esperança 758, ida e volta);
<i>c</i> — Vapor no rio Paraguai .....	240,00	(aprox. ida e volta);
<i>d</i> — E. F. Brasil-Bolívia .....	760,00	(ida e volta);
<i>e</i> — Rondonópolis-Cuiabá, em outro caminhão devido ao desarranjo da camioneta do CNG . . . . .	620,00	
<i>f</i> — Cuiabá-Chapada (outro carro) .....	168,00	(ida e volta);
<i>g</i> — Poxorêu-Coité, em carro da Prefeitura ...	36,00	(ida e volta);
<i>h</i> — Carandázal-Ligação, (somados percursos feitos em carros especiais) .....	60,00	
<i>i</i> — Avião . . . . .	820,00	(estimativa);
TOTAL . . . . .	14 863,75	

Devido a diversas condições locais, usaram-se quase todos os meios de transporte, além da camioneta própria e do caminhão anteriormente referido.

De Araçatuba (SP) a Lussanvira (SP) e a Pôrto Esperança (MT) foi utilizada a via férrea, tendo a expedição usado uma composição especial da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, posta à disposição do chefe pelo seu diretor, Cel. JOSÉ DE LIMA FIGUEIREDO<sup>25</sup>.

Graças à extrema gentileza desse ilustre diretor, o qual solicitara em Bauru estudos geográficos para a colonização na zona servida pela ferrovia, que superiormente dirige, foi possível estacionar em vários pontos de interesse e daí fazer, por terra, inúmeras irradiações mediante a descida dos carros.

<sup>25</sup> Essa composição constou de um carro da administração, um carro dormitório, uma gôndola para transporte de veículos. Em Araçatuba ligou-se à mesma, por especial gentileza do chefe do Setor Noroeste do Serviço da Malária, mantido pela referida ferrovia em colaboração com o Ministério da Educação e Saúde, o carro sanitário, com refeitório, nele viajando com a expedição, pelo prazo de um mês, o próprio chefe do importante setor, Dr. DURVAL MOREIRA DA SILVA LIMA.

Ainda pela Estrada de Ferro Noroeste foi feito o percurso Campo Grande-Maracaju, seguido de irradiações em automóvel, para Dourados, Ponta-Porã, Ervânia, Maracaju.

De Pôrto Esperança a Cuiabá a viagem foi realizada em vapor especialmente contratado, a fim de se tornarem possíveis observações e filmagem das margens do rio Paraguai.

O trajeto Corumbá-São José de Chiquitos, na Bolívia, foi coberto por via férrea, tendo a direção da Estrada de Ferro Brasil-Bolívia colocado à disposição dois carros de inspeção.

Algumas excursões foram feitas a pé ou a cavalo, como sucedeu em Três Lagoas (MT), quando da viagem ao salto de Urubupungá.

Enfim, alguns componentes da expedição fizeram vôos de reconhecimento usando diversos tipos de avião, em Bauru, Araçatuba, Cuiabá, Poxorêu, Guiratinga, Jataí e Goiânia<sup>26</sup>.

---

<sup>26</sup> PROFESSOR CLARENCE JONES, MIGUEL ALVES DE LIMA, MOACIR PAVAGEAU, HENRIQUE PIMENTA VELOSO, ARTUR C. H. SIENTZNICK, DARTHINES MENESES.